

Japoneses e americanos: memória versus criação

JORNAL DA CRÍICA

Washington (do correspondente) — Não é apenas a maciça importação de produtos japoneses a fonte de irritação dos americanos com seu aliado no oriente. Igualmente, os primeiros lugares conseguidos em exames internacionais de ciências e matemática por alunos japoneses os incomoda. Isso chegou ao ponto de o presidente Ronald Reagan e o primeiro-ministro japonês, Yasuro Nakasone, terem concordado em avaliar reciprocamente seus regimes escolares em busca de melhoramentos. Esta semana foram publicados os relatórios da comissão americana sobre o ensino japonês e o da japonesa, sobre o ensino nos Estados Unidos.

Os americanos se preocuparam mais em tentar responder à pergunta "Como os japoneses conseguem?", do que em descrever em minúcias o ensino nipônico — erro em que incorreram os japoneses ao radiografar o sistema escolar americano. Uma das primeiras respostas que a equipe americana encontrou para o sucesso dos alunos japoneses na faculdade: Mas a pesquisa também deparou com uma surpresa desagradável: os estudantes japoneses são encorajados à memorização em detrimento do pensamento independente e da criatividade.

A par do fato de ser a japonesa uma sociedade com um grau bastante elevado de uniformidade étnica, cultural e religiosa, um currículo centralizado sob o monólito Ministério da Educação do Japão dá as linhas mestras que deverão ser seguidas pelas escolas públicas durante os nove anos de ensino compulsório. Durante esse período, o ensino é voltado para o crucial exame de admissão no curso secundário. O ingresso em boas escolas secundárias é um cartão de acesso quase certo para boas universidades.

No Japão, segundo averiguaram os especialistas americanos, o exame vestibular é o ponto crítico do futuro de um estudante. Da leitura do relatório, a imagem que se poderia traçar entre as diferenças dos dois sistemas é que o vestibular japonês é mais parecido com o brasileiro. O estudante se esforça ao máximo, mas uma vez dentro da faculdade sua vida se torna mais fácil. "Até mesmo sem desafios", segundo o diagnóstico de um especialista americano. Nos Estados Unidos, ao contrário, o ingresso nas universidades se faz por títulos. A qualificação se processa com base nas notas obtidas pelos alunos durante toda a sua vida escolar e ainda por um exame de três horas sobre seus conhecimentos básicos. É, portanto, o que um japonês poderia chamar de um ingresso "suave". A vida do estudante americano, no entanto, se complica depois de ingressar na faculdade. Os cursos exigem dedicação inte-

gral e a manutenção de um nível elevado de notas.

Mesmo assim, os japoneses estão conseguindo melhores resultados do que os americanos. Entre os fatores apontados como fundamentais para a diferença está o ensino prematuro. Mais de 90% dos japoneses aos três ou quatro anos já estão aprendendo em escolas particulares pagas pelos pais. Nesta época, desenvolvem-se a habilidade de expressão, a interação do grupo, comportamento e respeito pela instituição escolar. O envolvimento dos pais durante este período foi também considerado da maior importância pelos especialistas americanos.

Uma palavra-chave parece determinar o êxito dos japoneses: *juku*. Trata-se de um período de estudo dirigido, igualmente pago pelos pais, com o objetivo de reforçar o aluno nos seus pontos fracos, com atendimento individualizado. Outro fator preponderante apontado pelos pesquisadores é o maior tempo que os estudantes japoneses dedicam às aulas. Ao todo não ultrapassam 15 dias a mais do que os estudantes americanos, mas a diferença reside no fato de que os japoneses são mais eficientes na utilização de seu período escolar de 195 dias.

Outro ponto frisado pelos americanos foi o status do professor japonês. O magistério no Japão é uma carreira de prestígio altamente remunerada. Assim, a profissão atrai excelentes profissionais. Para cada vaga de professor se apresentam cinco candidatos.

Os pontos fracos encontrados no ensino universitário pelos educadores americanos foram falta de motivação por parte dos estudantes e mesmo um empobrecimento do currículo. De uma forma geral, o relatório americano aponta para a extrema rigidez do sistema japonês, sua excessiva uniformidade e a ausência de alternativas, como pontos igualmente fracos.

Os japoneses, em contrapartida, em suas conclusões — um documento com 78 páginas — exaltam a autonomia das escolas americanas, o treinamento dos alunos em computadores e o atendimento especial dado aos alunos com menor capacidade de aprendizado — algo desconhecido pelos professores japoneses. Enquanto o chefe da equipe japonesa que pesquisou o universo do ensino americano, Isao Amagi, alerta que seu documento não tem intenção de fazer recomendações, mas apenas apontar os fatos, o secretário de Educação dos Estados Unidos, William Bennett, afirma: "Por sermos pragmáticos, queremos aprender tudo o que de bom os japoneses tiverem para ensinar, mesmo porque seus resultados são excelentes."